



“TODA BICHA TEM *HIGHLIGHT*”: REPRESENTAÇÕES *QUEER* NO SERIADO *SUPER DRAGS*

Gabriel Marchetto¹
Dr. Dánie Marcelo de Jesus²

RESUMO

Temáticas como identidades *queer*, sexualidades e gênero, por exemplo, são assuntos tabus na sociedade brasileira, principalmente em decorrência do caráter conservador neoliberal do cenário político, social e econômico do Brasil atualmente. Isto posto, este trabalho é motivado pela criação e exibição do seriado *Super Drags* em tempos de conservadorismo tão acentuado. Esta pesquisa objetiva a investigação das representações *queer* no primeiro episódio do seriado. Este estudo qualitativo interpretativista (ERICKSON, 1990; MOITA LOPES, 1994) se insere no âmbito da linguística aplicada indisciplinar (MOITA LOPES, 2006) ao utilizar arcabouço teórico transdisciplinar das Teorias *Queer* e dos Estudos de Gênero (BUTLER, 1990; SALIH, 2002; MISKOLCI, 2012). Para a proposta interpretativista, a linguagem é o fator determinante para a compreensão do fato social e das várias subjetividades dos sujeitos pesquisados. A proposta *queer* de pensamento visa o questionamento das categorizações binárias em busca da transformação social. Os estudos de gênero advogam que o sexo biológico não define o gênero dos sujeitos, pois o gênero se constitui socialmente de forma reiterativa e abarca diversas significações e corporeidades. Portanto, as personagens da série, carregadas e empoderadas pela energia do *highlight*, parodiam, criticam, exageram, recriam e fantasiam o gênero ao questionar padrões binários e forças autoritárias preconceituosas.

Palavras-chave: Gênero. Representação. Teorias *Queer*. *Super Drags*.

INTRODUÇÃO

No contexto brasileiro, trabalhar com temas como identidades *queer*, gênero, sexualidades, transexualidades, performances *drag*, homofobia e transfobia, por exemplo, pode ser considerado uma tarefa árdua, principalmente em decorrência do caráter conservador neoliberal do cenário político, social e econômico no Brasil atualmente. Estamos vivendo em um momento histórico o qual toda e qualquer produção de conhecimento é frequentemente criticada e questionada quanto a sua exequibilidade. Diante disso, pesquisas que tratem sobre questões de gênero e afins estão sendo amplamente criticadas no que tange sua relevância e viabilidade.

¹ Mestrando do Programa de Pós Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso *campus* de Cuiabá-MT. Professor efetivo da rede pública estadual de Mato Grosso, gabrielmarchetto@live.com;

² Orientador. Professor titular da Universidade Federal de Mato Grosso *campus* de Cuiabá-MT. Doutor em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela PUC-SP (2007), daniepuc@gmail.com.



Contudo, ao realizarmos uma rápida pesquisa em buscadores online podemos encontrar inúmeras notícias e/ou reportagens sobre casos de feminicídios e assassinatos motivados por homofobia e transfobia no Brasil. Segundo dados da Coordenadoria de Estatística e Análise Criminal do Estado de Mato Grosso (Estado onde residimos e realizamos a presente pesquisa) dos 207 homicídios registrados no Estado no primeiro trimestre de 2019, 24 envolveram mulheres, e deste total, 12 foram identificados como feminicídios, fora os incontáveis casos que não são registrados. Estes dados não serão trabalhados detalhadamente neste trabalho, os quais são evidenciados aqui como uma tentativa para alertar, informar e conscientizar acerca da importância das pesquisas que tratem sobre questões de gênero.

Isto posto, a motivação deste trabalho se caracteriza pela criação e recepção da série animada *Super Drags* em tempos de conservadorismo acentuado. *Super Drags* é a primeira série de animação brasileira protagonizada por personagens *Drag Queens* retratadas enquanto super heroínas que lutam contra “as forças do *shade*”³ representadas principalmente pela homofobia e a intolerância. Este trabalho objetiva a investigação das representações *queer* no primeiro episódio da série *Super Drags* à luz das teorias *queer* e dos estudos de gênero (BUTLER, 1990; SALIH, 2002; MISKOLCI, 2012).

Super Drags foi recebida com muitas críticas negativas advindas de diversos setores e organizações, como por exemplo, a Sociedade Brasileira de Pediatria, a Câmara de Deputados Federais e o Ministério Público Federal. Os críticos apontaram que o seriado possui grande apelo com o público infantil pelo fato do seriado ter sido desenvolvido no formato desenho animado e como a série aborda a temática de gênero e identidades *queer*, estes assuntos seriam considerados “inadequados” para crianças e jovens que utilizam a plataforma.

Portanto, a empresa, responsável pela divulgação e exibição do seriado, prontamente rebateu as críticas ao destacar que apesar de *Super Drags* ser uma animação, a série não é destinada ao público infantil. Pelo contrário, o seriado se dirige a um público de jovens acima de 16 anos e majoritariamente adultos. A partir disso, toda e qualquer material de divulgação do seriado passou a estampar a frase “somente para adultos, querida!” advertindo de maneira cômica e irônica o público em geral acerca da classificação etária do programa.

A seguir destacamos as metodologias utilizadas para a seleção, coleta e análise dos dados usados para a realização desta pesquisa, bem como as teorias que são utilizadas para embasar tais escolhas e análises. Também é feita uma breve descrição do recorte dos dados feito para este trabalho.

³ Gíria utilizada principalmente pela comunidade LGBTQ+ significando deboche, indireta e/ou maldade.



METODOLOGIA

O seriado *Super Drags* foi criado por Anderson Mahanski, Fernando Mendonça e Paulo Lescaut e produzido pelo estúdio brasileiro Super Combo, com investimento da famosa plataforma de *streaming* Netflix. A série é composta por uma única temporada com um total de cinco episódios de mais ou menos 22 minutos de duração cada, totalizando aproximadamente 110 minutos de conteúdo.

O presente estudo se insere no âmbito da linguística aplicada indisciplinar (MOITA LOPES, 2006) ao utilizar um arcabouço teórico transdisciplinar. Esta pesquisa qualitativa interpretativista (ERICKSON, 1990; MOITA LOPES, 1994) se baseia principalmente nas pesquisas das teorias *queer* e nos estudos de gênero (BUTLER, 1990; SALIH, 2002; MISKOLCI, 2012) como arcabouço teórico para as análises dos excertos selecionados para este trabalho.

A proposta interpretativista, segundo Moita Lopes (1994) advoga para a linguagem enquanto fator determinante do fato social e o meio para sua compreensão mediante o entendimento das variadas subjetividades e interpretações dos sujeitos pesquisados.

Conforme Erickson (1990) ao se fazer uma pesquisa, deve-se manter um olhar atento para refletir deliberadamente naquilo que estamos vendo e ouvindo. Para o autor, pesquisar significa buscar, não só uma vez, mas várias vezes em determinado contexto social. Portanto, nesta pesquisa selecionamos os excertos analisados a partir de um olhar atento e reflexivo.

Para este trabalho realizamos a análise das representações *queer* no primeiro episódio da série intitulado “Hora do *Lipsync*”. Este episódio possui 23 minutos de duração e se caracteriza como o episódio introdutório do programa, apresentando as personagens e suas histórias. Primeiramente foi feita a transcrição do primeiro episódio, em um segundo momento a leitura e identificação dos temas mais relevantes, dos quais podemos citar as identidades *queer*, hipersexualização, homofobia, discurso de ódio, linguagem enquanto ato performativo e subversão.

Como última etapa metodológica, a partir das temáticas predominantes observadas nos dados do primeiro episódio foi definido o tema foco deste trabalho e devido a relevância e ocorrência do tema nos dados selecionados decidiu-se por focalizar nas ocorrências de representações das identidades *queer*. Adiante apresentamos uma síntese das principais referências que norteiam esta pesquisa.





DESENVOLVIMENTO

Este estudo se insere no campo da linguística aplicada indisciplinar (MOITA LOPES, 2006), com caráter transdisciplinar ao buscar teorizações não somente no campo linguístico, mas também em outras áreas do conhecimento como a Sociologia e a Filosofia. Dessa maneira, dialogando com variadas áreas do conhecimento com o intuito de melhor compreender o fato social focalizado nesta pesquisa.

Conforme Moita Lopes (2006) a linguística aplicada (LA) compreende a linguagem como fator constitutivo da vida social e, portanto, a LA é uma área voltada principalmente para a resolução de problemas provenientes da prática de uso da linguagem não somente dentro do âmbito escolar, mas extrapolando o chão da escola em direção a “problemas de uso da linguagem situados na práxis humana” (MOITA LOPES, 1996, p. 3).

Uma proposta *queer* de pensamento está relacionada com o questionamento de categorias binárias (homem-mulher, negro-branco, etc) limitantes em busca de transformação social. Miskolci (2012, p. 19) destaca que refletir acerca da proposta *queer* é “pensar a sexualidade e outras diferenças, como culturais e políticas, como parte da vida cotidiana, e não afetando as pessoas apenas como assunto de saúde pública”.

Com isso, o autor destaca que as sexualidades, as diferenças e o Outro, a partir do pensamento *queer*, não devem ser desvinculados da esfera cultural e política e muito menos deslocados do cotidiano como apenas uma questão de saúde pública, mas sim compreendidos como construtos socioculturais que afetam diretamente a vida das pessoas.

Portanto, Salih (2002, p. 19) ressalta que “a teoria *queer* surgiu, pois, de uma aliança (às vezes incômoda) de teorias feministas, pós-estruturalistas e psicanalíticas que fecundavam e orientavam a investigação que já vinha se fazendo sobre a categoria do sujeito”. A autora assevera que o termo “*queer*” foi ressignificado e subvertido pelo pensamento *queer*, pois em língua inglesa tal termo possui caráter pejorativo e pode significar um xingamento/ofensa utilizado, muitas vezes, para se referir a grupos subalternizados como “aberrações” ou “anormais”.

A proposta *queer*, conforme Miskolci (2012, p. 26), objetiva problematizar a criação e disseminação dos conceitos de “normalidade” e “anormalidade” ao colocar em destaque as injustiças e violências que estão presentes na propagação e imposição de cumprimento das



normas e convenções sociais. Assim, Miskolci (2012, p. 43) destaca que “o *queer* é relacionado a tudo que é socialmente chamado de estranho, anormal e, sobretudo, abjeto”.

O conceito de abjeção é muito importante para o pensamento *queer*, pois todos os que não se encaixam em padrões binários de classificação são desumanizados, ignorados e demonizados, considerados como seres abjetos pela sociedade. Por conseguinte, o *queer*, segundo Salih (2002, p. 19), “não está preocupado com definição, fixidez ou estabilidade, mas é transitivo, múltiplo e avesso à assimilação”. A autora também afirma que as teorias *queer* apontam para a volubilidade e ambiguidade das “identidades “generificadas” e sexuadas”.

Miskolci (2012, p. 32) também destaca que “a Teoria *Queer* lida com o gênero como algo cultural, assim, o masculino e o feminino estão em homens e mulheres, nos dois”. O autor evidencia a fabricação do conceito de gênero como algo construído socialmente e reiterado diversas vezes com vias a uma higienização social. O gênero está intrinsecamente ligado a normas e convenções, as quais são muito distintas a depender de cada sociedade e cultura. O gênero é, portanto, cultural e segundo o pensamento *queer*, tudo aquilo que é classificado enquanto masculino e/ou feminino está presente tanto em homens quanto em mulheres.

Sob esse viés, Butler (1990, p. 21) destaca, também, que “o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas”. Consequentemente, segundo a autora, o conceito de gênero está intrinsecamente relacionado não somente à cultura e a política, mas a várias modalidades de raça, classe, sexualidade e localidade, meios pelos quais o gênero é reproduzido e mantido.

A filósofa também busca evidenciar e destacar a diferenciação entre a noção de sexo, relacionado à biologia, e o gênero, como um construto sociocultural ao apontar que “(...) por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: consequentemente, não é nem o resultado causal do sexo nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo”. (BUTLER, 1990, p. 25-26). Assim, Butler questiona a imutabilidade do sexo enquanto categoria biológica e destaca que o gênero, como construto cultural, não depende do sexo e possui caráter flúido.

Isto posto, Salih (2002, p. 67), evocando Butler, define o gênero como “não natural” ao afirmar que “não há uma relação necessária entre o corpo de alguém e o seu gênero.” Para a autora, isso implicaria na possibilidade de existência de um corpo material designado como “fêmea” sem exibir traços usualmente classificados como femininos e um corpo “macho” sem traços usuais masculinos.

A partir dos questionamentos provenientes da distinção entre sexo e gênero e da contestação do caráter aparentemente imutável do sexo, Butler chega à conclusão que o sexo, na verdade, sempre foi gênero. “(...) talvez o próprio construto chamado “sexo” seja tão culturalmente construído quanto o gênero; a rigor, talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nula.” (BUTLER, 1990, p. 27).

Sendo assim, Salih (2002, p. 71) reitera que “se aceitamos que o gênero é construído e que não está, sob nenhuma forma, “natural” ou inevitavelmente preso ao sexo, então a distinção entre sexo e gênero parecerá cada vez mais instável.” Portanto, a própria distinção entre gênero e sexo se torna opaca na medida em que não existe uma distinção clara entre sexo e gênero, pois conforme Butler, ambos são construídos culturalmente.

Ademais, Butler (1990, p. 69) certifica que o gênero possui uma característica reiterativa, e por meio de intensas repetições ou “encenações”, o gênero é sustentado a partir de sua estrutura altamente regulatória. “O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser.”

Por conseguinte, Salih (2002, p. 83) afirma que Butler “considera tanto o sexo quanto o gênero como “encenações” que operam performativamente para estabelecer a aparência de fixidez corporal.” A partir desse conceito de “encenação”, Butler atesta que os sujeitos podem, conseqüentemente, “encenar” o gênero de maneiras “inesperadas e potencialmente subversivas”.

Na próxima seção apresentamos alguns excertos selecionados do primeiro episódio da série *Super Drags*. Os trechos utilizados para análise buscam ilustrar algumas das representações do pensamento *queer* presentes no decorrer do episódio escolhido levando em consideração as teorias *queer* e os estudos de gênero como categorias de análise.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O primeiro episódio da série *Super Drags* intitulado “Hora do *Lipsync*” introduz a maior parte das personagens e da história do seriado na cidade fictícia de Guararanhém. As três personagens principais são Donizete (Scarlet), Patrick (Lemon) e Ralph (Safira). Donizete é um homem negro, magro e desenhado de forma a evidenciar um pênis de tamanho

avantajado. Ele é descrito ironicamente pelo narrador como alguém que possui “autocontrole”, todavia é a personagem mais franca, irritadiça e objetiva do grupo.

Patrick é um homem branco, gordo, afeminado e careca. Ele é visto como o “cérebro” e o líder do grupo. Patrick é descrito como astuto, perspicaz e amigável. Já Ralph é um homem branco, alto, loiro e musculoso. Ele é retratado como ingênuo, meigo e desatento.

Portanto, podemos perceber três estereótipos de homens gays, primeiro o homem gay negro viril com um pênis avantajado (Donizete), em segundo lugar o homem gay gordo e afeminado (Patrick) e por último o homem gay “barbie”, gíria comumente utilizada na comunidade LGBTQ+ para designar um homem gay muito bonito fisicamente, mas pouco inteligente. No entanto, neste trabalho não detalharemos acerca destes três estereótipos de homens gays em virtude do objetivo desta pesquisa.

Alguns personagens secundários importantes também aparecem neste primeiro episódio, como por exemplo Vedete Champagne, uma drag queen negra, magra, experiente, vaidosa e feminina. Ela nunca aparece desmontada⁴ na série e sempre está muito bem vestida com inúmeras jóias e adereços. Vedete é a responsável por recrutar o grupo das *Super Drags* e passar todas as instruções das missões das queens. Goldiva, uma *drag queen* negra, magra, estilosa, narcisista, vaidosa e considerada a maior e mais famosa cantora e diva pop do universo da série. Lady Elza, a principal vilã da trama, uma *drag queen* branca, gorda, idosa, caricata, rabujenta e cômica. Elza é a responsável por praticamente todas as maldades da trama e seu principal objetivo é eliminar Goldiva e ocupar seu lugar, além de consumir o *highlight* de toda a comunidade gay para voltar a “ficar mocinha novamente” (*Super Drags*, 2018).

Outras personagens de menor destaque também são introduzidas no decorrer do primeiro episódio, como por exemplo, o chefe das *Super Drags*, Dr. Robertinho, um homem baixinho, gordo, careca e exageradamente arrumado, o qual faz questão de se auto exaltar como “macho alfa”. Val, a colega de trabalho das *queens*⁵, uma mulher negra, gorda, simpática e amigável. Profeta Sandoval, um dos vilões da série, um homem branco, de meia idade, autoritário, conservador e pastor de uma grande igreja em Guararanhém. Jezebel, uma jornalista local, conservadora, branca, magra, loira e religiosa.

⁴ “Desmontada” é uma gíria comumente utilizada por *Drag Queens* para designar o ato de estar descaracterizado, ou seja, sem peruca, maquiagens, enchimentos e roupas femininas.

⁵ Neste trabalho utilizamos o termo *queens* para se referir as personagens drag queens da série, Patrick, Donizete e Ralph.

O seriado utiliza uma linguagem extremamente irônica e sexualizada, a qual podemos perceber principalmente nos nomes utilizados para os locais e pessoas da trama. A loja de departamentos que as *queens* trabalham, *Wanus Store*, faz menção a palavra ânus, termo da biologia para designar o orifício responsável por expelir as fezes. A denominação religiosa fictícia da série é a “Igreja do Gozo dos Céus” e a partir dessa nomenclatura, são feitos vários desdobramentos no decorrer da trama, como por exemplo, o “Tempo do Gozo”, “Em Nome do Gozo” e “O Poder do Gozo”. A palavra gozo possui um duplo sentido significando tanto o orgasmo das relações sexuais quanto o ato de satisfação ou deleite. O próprio nome da repórter local conservadora Jezebel, deriva do nome bíblico Jezabel, uma rainha responsável pela promoção da idolatria de deuses pagãos em Israel e da morte de inúmeros profetas cristãos, provocando a ira de Deus.

A seguir passamos para a análise e comentários de alguns excertos retirados do primeiro episódio, os quais observamos maior ocorrência de representações do pensamento *queer*. Faremos comentários acerca de alguns termos selecionados e suas significações a partir das teorias *queer* e estudos de gênero.

Highlight. a energia vital das gays. Toda bicha tem “*highlight*”. É o que torna elas especiais. Pintosas! Bafônicas! Fechação! E toda bicha é fã da cantora pop internacional Goldiva. Diz que o anúncio do show dela está trazendo bicha cheia de *highlight* do mundo todo para um só lugar. (*Super Drags*, 2018)

No trecho acima destacamos o termo *highlight*, o qual se constitui como uma expressão da língua inglesa que possui vários significados a depender do contexto, podendo significar o ponto mais luminoso de uma fotografia ou quadro e também o verbo iluminar, realçar ou ornar com iluminação. A expressão é formada pelas palavras do inglês *high* e *light*, a primeira pode ser um substantivo que significa “alto” e também um adjetivo designando “elevado” ou “superior”, já o segundo termo *light* é um substantivo que significa “luz”, “iluminação” ou “claridade”.

No contexto do seriado, a palavra *highlight* é compreendida como “a energia vital das gays” (*Super Drags*, 2018) sendo algo intrínseco a todas as pessoas LGBTQ+. Conforme a personagem da série Vedete, o *Highlight* seria aquilo que torna todas “as gays especiais. Pintosas! Bafônicas! Fechação!” (*Super Drags*, 2018). O sujeito possuidor da energia do *highlight* pode ser entendido como aquele que não se encaixa a padrões heteronormativos

⁶ “Pintosa” é uma gíria gay que pode significar chique, bem arrumada e produzida. “Bafônica” pode designar popular, estrondoso ou muito comentado, já “Fechação” pode ser descrito como um ato esplendoroso e glorioso que pode ser realizado por qualquer sujeito.

binários de classificação social, um sujeito *queer*. Miskolci (2012) defende o *queer* como uma nova política de gênero, a qual emana a partir de demandas feitas pelos sujeitos colocando em perspectiva as normas que os constituem.

Por conseguinte, Salih (2012) destaca que a teoria *queer* realiza uma investigação e uma desconstrução das categorias binárias classificadoras do mundo social ao destacar a fragilidade e instabilidade de todas as identidades sexuadas e “generificadas” (BUTLER, 1990). Pensando nessa fragilidade, Butler (1990, p. 69) advoga que “o gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida”. Segundo a autora, o gênero ainda pode se cristalizar no tempo e produzir um status de uma substância homogênea e natural de ser.

A energia do *highlight* é constantemente citada e retomada no decorrer do primeiro episódio para informar e conscientizar o telespectador de sua grande importância como energia vital constitutiva dos sujeitos LGBTQ+ da série. Quando um sujeito perde seu *highlight* ele se transforma em um ser “sem vida”, fraco e desanimado. Lady Elza é descrita e caracterizada como a representação da força maligna do *shade* que retira a energia do *highlight* para benefício próprio. “Para ficar bonita novamente, ela chupa o *highlight* de todos os viados e eles ficam fracos e sem vida” (*Super Drags*, 2018).

Ah! Insuportável! Você viu quanto **viado**, Bodilson? E o pior é que eles não estão aqui por minha causa e sim por causa daquela vagabunda amadora! Eu nunca vi tanto **viado** junto, nem no enterro da mãe do Bambi. O que elas veem nessa tal de Goldiva? Nem cantar ela sabe. Tem aquela voz de taquara rachada. Mas o que é delas está guardado, queridas! Eu vou chupar o *highlight* de todos aqueles **viados**! Ah, se vou! Eu vou ficar mocinha novamente e todos vão ver que uma verdadeira estrela nunca cai! (*Super Drags*, 2018, grifo nosso)

No último trecho temos a primeira fala da vilã Lady Elza, momento em que a personagem é apresentada para o telespectador. Elza está escondida em uma caverna escura e úmida com uma aparência envelhecida e cansada, ela conta apenas com a presença de seu animal de estimação Bodilson, um bode velho e feio que ela mesma sacrifica ao jogar-lo em seu caldeirão no momento em que prepara uma poção que será utilizada para capturar o *highlight* dos fãs de Goldiva.

Lady Elza aparece quase sempre sozinha, falando consigo mesma e confabulando contra Goldiva e as *Super Drags*. Nos momentos finais do primeiro episódio, ela consegue se alimentar de algumas gotas de *highlight* e rejuvenesce instantaneamente. A partir de sua fala podemos perceber referências claras ao universo LGBTQ+ como no trecho “Eu nunca vi tanto viado junto, nem no enterro da mãe do Bambi” uma referência ao filme da Disney que narra a

dramática trajetória do veado Bambi. Veado é um termo amplamente utilizado pejorativamente para se referir a homens gays como “Viados”, no entanto esta palavra já está sendo ressignificada pela comunidade LGBTQ+ e perdendo seu tom ofensivo.

(...) Para proteger as **bichas** e a energia do *highlight*, eu, Vedete Champagne, belíssima, convoquei um número seletivo de **pocs** com super habilidades (...) Juntas, através do gaydar, elas se transformam em *Super Drags*, para combater as terríveis Forças do *Shade!* (*Super Drags*, 2018, grifo nosso)

Tanto a fala de Lady Elza quanto outras falas do seriado apontam para a questão da subversão da linguagem apontada por Butler na obra *Excitable Speech* publicada em 1997. Podemos destacar os termos “bicha”, “viado” e “poc”, dos quais “bicha” e “viado” são muito utilizados como ofensas para homens gays afeminados, já “poc” é uma palavra utilizada pela própria comunidade LGBTQ+ para designar alguém de menor status ou importância.

Salih (2012, p. 144), a partir da obra de Butler, ao tratar sobre a repetição e a ressignificação de termos pejorativos e ofensivos atesta que tal ação “contêm em si a promessa de recontextualizações afirmativas e de reutilizações subversivas que constituem uma resposta mais efetiva ao discurso do ódio do que as medidas legais”.

Apesar deste trabalho não evidenciar a questão da subversão da linguagem e suas ocorrências, é possível observar tais atitudes subversivas nas falas de diversas personagens no decorrer do episódio. A utilização de termos como “bicha”, “viado” e “poc” é feita tanto de forma pejorativa e ofensiva quanto ressignificada e subversiva no desenrolar da trama.

Adiante passaremos para as considerações finais deste trabalho com as principais conclusões acerca do que foi apreendido sobre as representações *queer* no primeiro episódio da série *Super Drags*, especialmente o uso de *highlight*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho objetivou a investigação das representações *queer* no primeiro episódio da série *Super Drags* à luz das teorias *queer* e dos estudos de gênero (BUTLER, 1990; SALIH, 2002; MISKOLCI, 2012). No decorrer do texto destacamos, principalmente, a utilização do termo *highlight*, compreendido como a energia responsável por manter a vitalidade das personagens da série.

As personagens do seriado são constituídas enquanto sujeitos híbridos e transgressores das normas de gênero ao evidenciar a fragilidade, superficialidade e instabilidade do corpo generificado (BUTLER, 1990) através de inúmeras estratégias de montagem e desmontagem

ao performatizar o feminino por meio da utilização de maquiagens, perucas, vestimentas, encheimentos, etc.

A partir da performance *Drag Queen* e da energia do *highlight*, as personagens se aproximam com as teorizações do pensamento *queer*, pois segundo Salih (2002) o *queer* advoga para a afirmação de uma instabilidade e indeterminação das identidades generificadas e sexuadas.

Consequentemente, Miskolci (2012, p. 25) destaca que “movimentos *queer*, se pautarão menos pela demanda da aceitação ou incorporação coletiva e focarão mais na crítica às exigências sociais, aos valores, às convenções culturais como forças autoritárias e preconceituosas”. Na série, o *highlight* é definido como “a energia vital das gays” (*Super Drags*, 2018) e se aproxima mais da crítica a valores binários e normativos, pois o *highlight* é descrito como a energia que torna todos os gays “(...) Especiais! Pintosas! Bafônicas! Fechação!” (*Super Drags*, 2018).

Um sujeito possuidor da energia do *highlight*, na série, é descrito como aquele que não se preocupa com padrões binários impostos pela heteronormatividade e heterossexualidade compulsória. Conforme Butler (1990, p. 53) a heterossexualidade compulsória e naturalizada exige a regulação do gênero como uma categoria binária “em que o termo masculino diferencia-se do termo feminino, realizando-se essa diferenciação por meio das práticas do desejo heterossexual”.

Segundo Butler (1990, p. 253) “o gênero é um “ato”, por assim dizer, que está aberto a cisões, sujeito a paródias de si mesmo, a autocríticas e àquelas exhibições hiperbólicas do “natural” que, em seu exagero, relevam seu status fundamentalmente fantasístico”. Portanto, as personagens da série carregadas e empoderadas pela energia do *highlight* parodiam, criticam, exageram, recriam e fantasiam o gênero de formas singulares e questionam padrões binários e forças autoritárias preconceituosas, pois segundo Miskolci (2012, p. 25) o pensamento *queer* se lança ao desafio não de apenas incluir os homossexuais à sociedade, mas “mudar a sociedade de forma que ela lhes seja aceitável”.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Nara. **Mato Grosso registra 12 feminicídios no primeiro trimestre**. Governo do Estado de Mato Grosso. 2019. Disponível em: http://www.mt.gov.br/rss/-/asset_publisher/Hf4xlehM0Iwr/content/id/11772061 Acesso em: 22 de Julho de 2019.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 15ª ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1990.



ERICKSON, Frederick. Qualitative methods. In: LINN, Robert L.; ERICKSON, Frederick (org.). **Quantitative methods**. New York: Macmillan, 1990. v. 2.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. 3º ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Da Aplicação de Linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar. In: MOITA LOPES, L.P (org.). **Por uma Linguística Aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Pesquisa Interpretativista em Linguística Aplicada: A Linguagem como condição e solução**. São Paulo, D.E.L.T.A. Vol. 10, nº 2, p. 329-338, 1994.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**. 4º ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

